Textos Para Rezar

24 textos do Evangelho com comentários e sugestões para a oração

2ª EDIÇÃO

Nuno Tovar de Lemos, s.j.

Índice

Introdução 6

1. O Baptismo de Jesus | *Lc* 3, 21-22
A consciência de se ser amado por Deus 11

2. O 1º Mandamento | *Mc* 12, 28-31
Os três amores 19

3. Os Lírios do Campo | *Lc* 12, 22-34
A confiança: viver do Essencial 29

4. As Duas Casas | *Mt* 7, 24-29
Fascínios e problemas das casinhas nas dunas... 37

5. Parábola do Semeador | *Mc* 4, 1-9
Por que não progredimos mais na vida espiritual? 45

6. O Bom Samaritano | *Lc* 10, 30-35
Amor e feridas nas nossas relações 53

7. Jesus e a Mulher Adúltera | *Jo* 8, 1-11
As pedras que Deus não tem 61

8. A Expulsão dos Vendilhões do Templo | *Jo* 2, 13-22
A frontalidade cristã 71

9. Jesus e o Paralítico da Piscina | *Jo* 5, 1-17
Das soluções exteriores à força interior 81

10. Seguir-Te-ei onde quer que fores | *Lc* 9, 57-62
Os três medos que podem estragar tudo... 89

11. A Anunciação | *Lc* 1, 26-38
Maria, mestra da fé 97

12. A perda e o encontro de Jesus no Templo | *Lc* 2, 41-52
Duas maneiras de crescer na Fé 107

13. Sal da Terra e Luz do Mundo | *Mt* 5, 13-16
O testemunho cristão no mundo 117

14. Lavar as mãos antes de comer? | *Mc* 7, 1-16
Jesus e as regras 125

15. Multiplicação dos Pães | *Jo* 6, 1-13
Faz o que podes e confia 135

16. Talithá kum | *Mc* 5, 21-24.35-43
O poder sagrado de erguer o outro 143

17. O Trigo e o Joio | *Mt* 13, 24-30
Das «soluções radicais» à exigência cristã 151

18. Podem os companheiros do noivo jejuar? | *Mc* 2, 18-20
A festa da vida e o sentido dos jejuns 159

19. A cura do Cego de Betsaida | *Mc* 8, 22-26
Nem tudo se realiza quando queremos... 167

20. Jesus e as Crianças | *Mc* 10, 13-16
Nascer de novo 175

21. Na Sinagoga de Nazaré | *Lc* 4, 14-30
Adversidades e incompreensões 183

22. A Cruz | *Lc* 23, 33-38.44-46
Acompanhar Jesus até ao fim 191

23. Os Discípulos de Emaús | *Lc* 24, 13-35
Como podemos encontrar Jesus? 201

24. A Barca de Pedro | *Jo* 21, 1-14
Aprender a estar em Igreja 211

Alguns Termos que aparecem nos Textos:
Grupos Religiosos, Festas Judaicas, Moedas 220

Mapas
Mapa da Palestina 224
Mapa da Galileia 225
Planta de Jerusalém 226
O Templo de Jerusalém 227

Introdução

À medida que os anos vão passando há muitas certezas que vão caindo. Mas as que ficam, ficam muito mais fortes. E uma das minhas (poucas) certezas é esta: tudo o que realmente interessa saber da vida Jesus sabia-o e deu-o a conhecer.

Com este livro eu gostava, sobretudo, de apresentar Jesus. O Mestre.

A estrutura do livro é simples. Tem 24 capítulos. Cada capítulo apresenta um texto evangélico, um comentário sobre esse texto e sugestões para a oração pessoal a partir do texto. Cada capítulo inclui ainda uma oração relacionada com o «tema» do capítulo. No fim do livro o leitor encontrará também uma série de mapas para ajudar a situar locais por onde Jesus andou e esclarecimentos sobre alguns termos menos óbvios que aparecem recorrentemente nos Evangelhos.

Espero que não faça com este livro o que eu faço, por vezes, com livros semelhantes: ler os comentários e sugestões do autor saltando por cima dos textos bíblicos! Pelo contrário, leia os textos evangélicos como quem lê uma carta de amor: com tempo, de coração aberto, buscando o que vai nas entrelinhas e – sobretudo – tentando ver e imaginar Jesus a falar e a agir!

Cada texto da Bíblia tem infinitas capacidades de significação e possibilidades de interpretação. Os meus comentários não são, evidentemente, a «explicação» ou, muito menos, «a verdade» sobre o que os textos evangélicos querem dizer. São sugestões

de interpretação que fazem sentido para mim e que a mim me ajudam. São apenas muletas. Se, lendo um texto, o Espírito Santo o/a começar a conduzir e o/a levar por outros caminhos, largue as muletas e corra!

Este livro pode ser usado para finalidades diferentes: para a oração pessoal no dia-a-dia, como apoio a uns dias de Exercícios Espirituais, como material para grupos de partilha ou de reflexão, etc.

Diz-se que as nossas ideias são sempre de outros, quer tenhamos consciência disso quer não. Não sei se isto é sempre verdade mas o facto é que muitas coisas que aqui escrevo as ouvi ou li de muita gente, a quem estou infinitamente agradecido. Obrigado de uma maneira muito especial ao P. Vasco Pinto de Magalhães, a quem devo muito e a quem devo, em particular, muitas das ideias que aqui vêm! A minha esperança é que as ideias também estejam cobertas pela lei do usucapião!

Gostava de deixar aqui também um agradecimento forte ao P. Domingos de Freitas e à Ju Novais, que me proporcionaram uns meses fantásticos de eremita no Rodízio, junto à Praia Grande, durante os quais escrevi este livro. E obrigado ao Carlos Azevedo Mendes, amigo de todas as horas, que me ajudou nalgumas partes mais «técnicas»*.

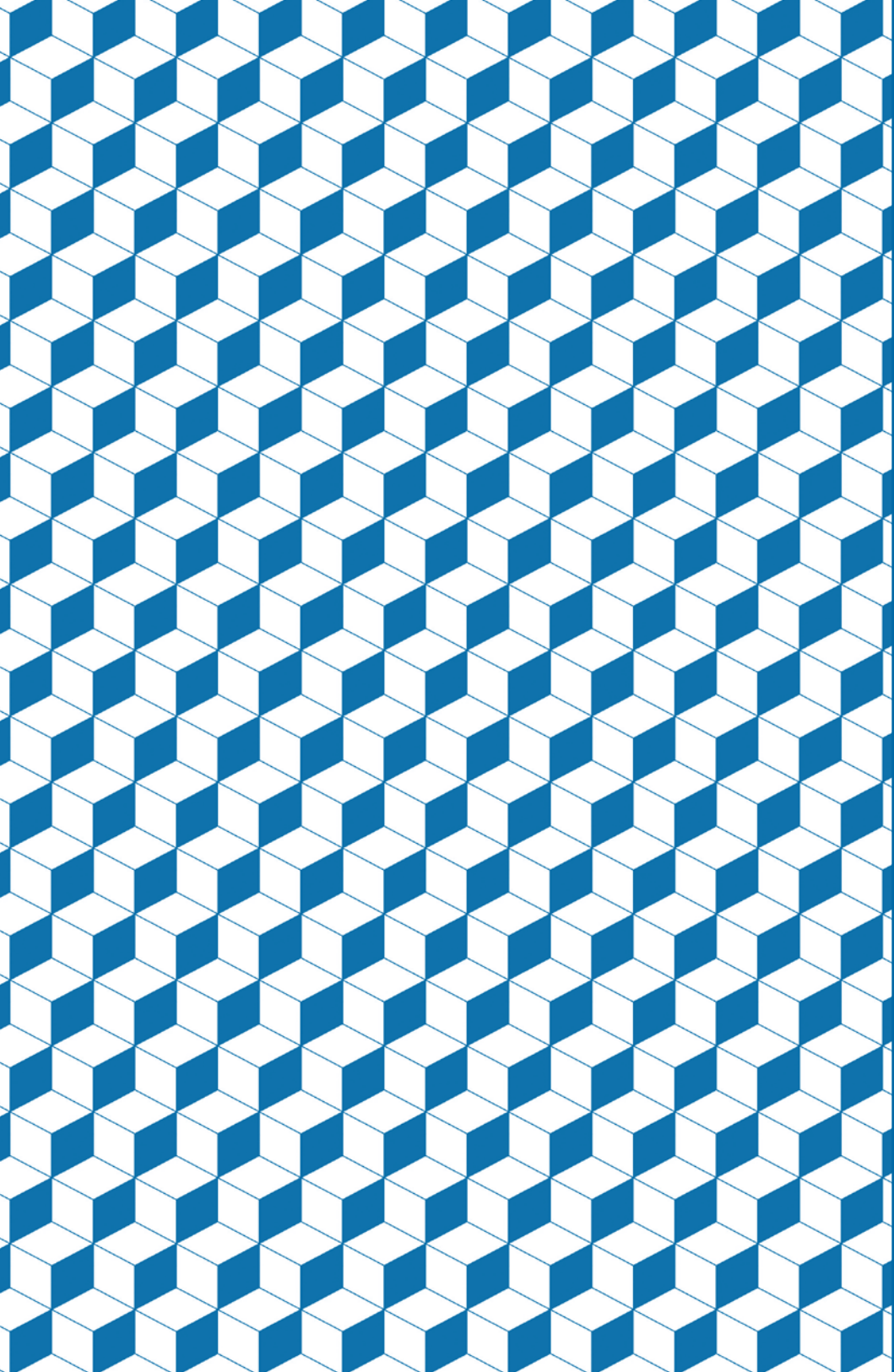
Nuno Tovar de Lemos, s.j.

* Por opção do Autor, esta Obra publica-se segundo o anterior Acordo Ortográfico.

1

O Baptismo de Jesus

Lc 3, 21-22



O Baptismo de Jesus | *Lc* 3, 21-22

A consciência de se ser amado por Deus

Todo o povo tinha sido baptizado; tendo Jesus sido baptizado também, e estando em oração, o Céu rasgou-se e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba. E do Céu veio uma voz: «Tu és o meu Filho muito amado; em Ti pus todo o meu agrado».

É impressionante pensar que quase tudo o que conhecemos de Jesus (a escolha dos apóstolos, as pregações, as curas, as viagens, etc.) se passou num período relativamente curto da sua vida, a chamada «vida pública», que terá durado aproximadamente três anos (dos 30 e pouco que Jesus terá vivido). Antes foi aquilo que chamamos de «vida oculta»[1]. *O baptismo de Jesus foi o acontecimento que fez a transição* entre as duas fases da sua vida. No rio Jordão[2], depois de ter sido baptizado, Jesus teve uma experiência muito forte do amor de Deus Pai, uma experiência que deu início à sua «vida pública»:

> *Do Céu veio uma voz: «Tu és o meu Filho muito amado; em Ti pus todo o meu agrado».*

Se queremos ser «cristãos», a nossa vida nova tem de começar onde começou a de Jesus: na **consciência de sermos pessoalmente amados por Deus**. Ultimamente, termos fé (no sentido cristão) é – no fundo – precisamente isto: a certeza de sermos amados (por Deus) tal como somos e tal como estamos. Tudo o

---

1 Chama-se «vida oculta» não porque Jesus andasse escondido mas por contraste com a sua «vida pública».

2 O rio Jordão entra no Lago da Galileia e depois desce desde aí, ao longo de mais de 100 Km, até ao Mar Morto. Ver mapa da Palestina, p. 224. Junto ao rio, o profeta João – ainda parente de Jesus – pregava sobre a necessidade de mudar de vida e baptizava as pessoas que vinham ter com ele. O baptismo por submersão na água é um ritual antigo de recomeço: a pessoa fica completamente coberta pela água (como se tivesse morrido) para depois voltar acima (como se renascesse para uma vida nova).

mais (os sacramentos, a doutrina, o trabalho na Igreja, a moral, o testemunho cristão no mundo, etc.) nasce daqui.

Quando pensamos numa relação de amor com alguém de quem gostamos muito, normalmente vêm-nos à cabeça coisas que essa pessoa nos fez ou nos disse e que nos deixaram encantados... Mas quando pensamos na nossa relação de amor com Deus é normalmente ao contrário: o nosso pensamento vai para **o que temos feito ou devemos fazer por Deus** (se temos rezado ou não rezado, se temos ido à missa, se temos sido caridosos, se temos feito ou evitado aquele pecado, etc.). Raramente pensamos no mais essencial: o que Deus tem feito por nós. Quase como se a iniciativa (na nossa relação com Deus) partisse de nós! É o nosso **vício voluntarista** aplicado à fé[3]. Evidentemente que é muito importante reflectirmos sobre o que temos feito ou devemos fazer por Deus. Mas isso vem em segundo lugar. Em primeiro lugar vem a consciência do amor de Deus por nós.

«Deus ama-me». Tentando pôr este amor em linguagem humana, talvez o possamos desdobrar em três aspectos:

> i) Deus gosta de mim. É o lado afectivo do amor. Há pessoas que gostam de nós. Por alguma razão misteriosa sentem-se atraídas por nós. Mudam planos para estar connosco, por exemplo. Mas ninguém gosta tanto de nós como Deus. Deu a vida por cada um de nós e voltaria a dar. Por que razão Deus gosta assim de nós? Será que gosta de nós por causa das nossas boas acções? Não, Deus não gosta mais de nós se nos «portarmos bem»[4]. E não gosta menos de nós se pecarmos, tal como uma mãe não gosta menos do filho por ele se drogar. Se calhar até gosta mais...
>
> ii) Deus cria-me. O amor de Deus é como o amor de um pai ou de uma mãe. O que significa uma mãe andar a criar

3 Em conversa com os apóstolos Jesus deixou as coisas muito claras: «Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e vos nomeei para irdes e dardes fruto» (*Jo* 15, 16).

4 Embora, evidentemente, não queira que dêmos passos errados que nos façam mal, a nós e aos outros à nossa volta.

um filho? Significa que lhe proporciona oportunidades de crescimento: põe-no no inglês, inscreve-o num campo de férias, dá-lhe uma mesada e responsabilidades, tem com ele uma conversa importante, etc. Com Deus é parecido. Ele não nos «criou» (no passado) mas «anda a criar» (no passado e no presente), tal como um pai ou uma mãe. E Deus cria-nos proporcionando-nos oportunidades de crescimento a partir das circunstâncias que a vida traz. No fim (mas mesmo só então) talvez possamos dizer que tudo o que nos acontece é acção criadora de Deus.

iii) Deus confia em mim. A confiança de Deus é uma confiança pessoal em nós. Como se Deus (que conhece o fundo de nós mesmos como mais ninguém) dissesse: «Eu conheço-te, sei que tu és uma pessoa boa e de confiança». A fé que nos salva não é a que nós (eventualmente) tenhamos em Deus mas sim a que Deus tem em nós[5]. A nossa fé é apenas uma abertura a esta verdade. É assim que a nossa relação com Deus está completamente firme e segura para sempre, porque não está assente na nossa resposta (por vezes tão ingrata e hesitante) mas num amor e numa confiança totais e incondicionais. O amor divino.

O amor de Deus por nós é um amor prático que nos encaminha e faz crescer. Mas **como é que Deus age**?

Deus age de uma maneira única e especial. Age de modo diferente de todas as outras acções que conhecemos. Porque age **«através de»**, ou seja: por mediações. Por exemplo: através de uma pessoa que se cruza connosco, de um livro que nos vem ter às mãos, de um sacramento que recebemos, de um pensamento que temos, etc. E faz tudo isto **sem controlar** nada nem ninguém[6]. Aliás, se controlasse não seria amor.

5 Aliás, o que nos «salva» (o que nos encaminha para o Bem e para a Felicidade) é sempre o olhar dos amigos, daqueles que nos conhecem tal como somos e continuam a acreditar em nós...

6 É precisamente esta dupla verdade simultânea («age» e «não controla») que remete a acção divina para um plano que não conhecemos nem podemos compreender. A transcendência de Deus faz com que muitas vezes só possamos falar d'Ele através de paradoxos. Assim temos também de dizer que ninguém está tão distante como Deus e que ninguém está tão próximo como Ele.

Deus pode agir através de coisas extraordinárias e difíceis de explicar, mas **habitualmente Deus age através de coisas simples e fáceis de explicar**. O sinal de que Deus agiu não é essa acção ser algo extraordinário e inexplicável, mas ser algo que nos fez crescer na fé, na esperança e na caridade. Todo o verdadeiro crescimento nestas «virtudes teologais» é um milagre[7]. Se o amor de Deus não fizesse crescer, podia ser inexplicável mas não seria amor.

Assim, desta maneira, Deus entra **discretamente** nas nossas vidas, tão discretamente que até parece que não faz nada e que tudo depende só de nós! Mas entra **realmente** nas nossas vidas, como uma mão invisível que nos conduz para o Bem abrindo portas, dando força, inspirando propósitos e ideais, criando oportunidades, tirando obstáculos do caminho e dando a conhecer Jesus.

A história sagrada da relação de Deus connosco não acontece só nas igrejas, nas casas de retiros e nas peregrinações, mas também por dentro da nossa história «profana», dos acontecimentos do dia-a-dia. Deus cria-nos através da vida. Mas se é assim, temos de **saber olhar os acontecimentos da nossa vida com outros olhos**, com olhos de fé e discernimento. Diante de um acontecimento, a pergunta certa é: «Será que Deus, com isto, me está a querer dar alguma graça de crescimento?». Devemos fazer essa pergunta mesmo diante dos acontecimentos duros, porque muitas vezes a acção de Deus não consiste em tirar-nos as dificuldades, mas em fazer-nos crescer com elas.

A nossa vida cristã começa na **consciência da sorte que temos** por sermos assim amados por um Pai que Se ocupa pessoalmente de cada um de nós. É daqui, desta consciência, que nasce tudo o que nós possamos fazer de bom por Deus, pelos outros e pela nossa salvação.

---

7 «Milagre», no sentido cristão, é toda a acção de Deus que nos leva a crescer em direcção ao Bem e não só um facto extraordinário e inexplicável. Por exemplo: se uma pessoa perdoou a outra que lhe fez mal, se alguém venceu as resistências e deu algum passo importante para se aproximar de Deus, se um miúdo aprende a não ser egoísta, se uma pessoa que vivia fechada a fazer jogos de computador se abre a colaborar num voluntariado, etc. Há certamente milagres que são factos extraordinários. Mas se não fizessem crescer, nunca seriam designados de «milagres».

EXERCÍCIOS

1. Em que momentos do teu passado se «rasgaram os céus» e tu sentiste ou tiveste consciência do amor de Deus por ti? Recorda três momentos concretos e de que forma experimentaste esse amor.

2. Imagina e escreve uma carta de Deus para ti como Pai, contando como te tem criado ao longo dos anos, mesmo naquelas fases em que Ele parecia ausente.

3. Nesta fase da vida, como é que Deus te anda a criar? Lê os acontecimentos recentes da tua vida sob esta perspectiva.

ORAÇÃO

O mais importante não é...
eu procurar-Te,
mas sim que Tu me procuras por todos os caminhos (Gen *3, 9);*
eu chamar-Te pelo Teu nome,
mas sim que Tu tens o meu nome marcado na palma
da Tua mão (Is *49, 16);*
eu gritar-Te quando nem palavras tenho,
mas sim que Tu entras suavemente
em mim com o Teu grito (Rom *8, 26);*
eu ter projectos para Ti,
mas sim que Tu me convidas a caminhar contigo
em direcção ao futuro (Mc *1, 17);*
eu compreender-Te,
mas sim que Tu me compreendes até
ao meu último segredo (1 Cor *13, 12);*
eu falar de Ti com sabedoria,
mas sim que Tu vives em mim e Te exprimes
à Tua maneira (2 Cor *4, 10);*
eu guardar-Te na minha caixa de segurança,
mas sim que eu sou como uma esponja
no fundo do Teu oceano (EE *335);*

eu amar-Te com todo o meu coração
e com todas as minhas forças,
mas sim que Tu me amas com todo o Teu coração
e com todas as Tuas forças (Jo 13, 1);
eu consolar-me e planificar,
mas sim que o Teu fogo arde dentro dos meus ossos (Jer 20, 9);

Porque, como é que eu seria capaz
de procurar-Te, chamar-Te, amar-Te...
se Tu não me procurasses, chamasses
e me amasses primeiro?

(Benjamin Gonzalez Buelta, sj[8])

8 Em *Salmos para sentir y gustar internamente*, Ed. Salterrae, 2007.